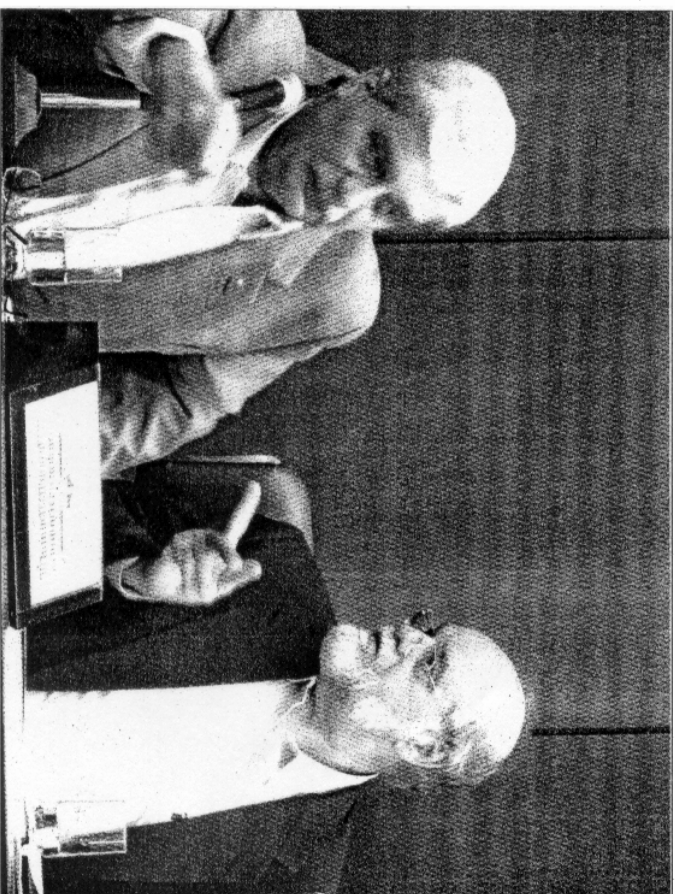


Ministro quer incluir parque tecnológico em plano federal

Miguel Jorge, do Desenvolvimento, fez ‘tour do álcool’, ontem na cidade, garantiu que estão sendo estudadas diversas formas de financiamentos para o setor e que a chefe da Casa Civil, Dilma Russeff, está interessada em visitar a região

A vinda do ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, ontem à cidade, teve um peso importante para o projeto do parque tecnológico voltado ao setor sucroalcooleiro. “Até semana passada, tínhamos o governo estadual como parceiro. Agora, também temos o governo federal”, sintetiza o secretário municipal de Indústria e Comércio, Luciano Almeida. As palavras do representante do governo municipal são certas. Miguel Jorge passou pelo Centro de Tecnologia Canavieira

(CTC), pela Dedini, pela Usina Costa Pinto, do Grupo Cosan, e pela Esalq, justamente para conhecer a estrutura do setor na cidade e levar para Brasília as ambições locais em relação ao parque tecnológico, projetado para área na Fazenda Arêdo. Os representantes do setor, em qualquer um dos níveis -- empresarial ou acadêmico -- têm, no entanto, uma idéia definida: a ajuda do governo deve ser para criar um ambiente propício para investimentos em inovação. A2 e A5.



Miguel Jorge e Antônio Roque Decha, diretor da Esalq: parque tem apoio do governo federal

Setor quer ambiente favorável à inovação

Representantes locais cobram do ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, apoio para construção de parque tecnológico em Piracicaba

Romualdo Cruz Filho
romualdo@tribunainp.com.br

Weber Amaral, coordenador do Pólo Nacional de Biocombustível, sediado na Esalq, pediu ontem ao ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge – que esteve em Piracicaba para fazer o chamado 'tour do etanol' –, o apoio do governo Lula para a construção do Parque Tecnológico. De acordo com

Amarel, o 'Silicon Valley do Etanol' – como denominou o projeto, numa analogia ao Vale do Silício instalado na Califórnia (EUA), onde estão agregadas empresas da cadeia produtiva do setor de informática – carece ainda de força interna suficiente para aglutinar um projeto de inovação de tecnologia para os próximos 30 anos.

Na opinião de Amaral, para que o projeto deslanche, o ambiente tem que estar favorável à entrada de novos investimentos, como acontecem nos países que se destacam pela inovação. "Não podemos simplesmente sonhar em vender etanol. Temos que pensar em exportar tecnologia. Este é o futuro", disse. Apesar

do biocombustível ter atraído muito investimento internacional nos últimos tempos, Amaral observa que no quesito empreendedorismo, o Brasil sequer recebe classificação no mercado externo e por isso será preciso trabalhar muito – "e de maneira organizada", acrescenta – para emplacar um projeto tão ambicioso.

Miguel Jorge respondeu que o governo Lula está ciente da importância do etanol. "Tanto é que em todas as viagens internacionais ele não se cansa em divulgar ao mundo que existe uma nova commodity brasileira e que as barreiras ao biocombustível nos países ricos precisam ser destruídas". Garantiu também que estão sendo estudadas diversas formas de financiamentos para o setor e a própria Chefe da Casa Civil, Dilma Russel

– responsável por aglutinar as ações voltadas a este setor dentro do governo federal – está interessada em visitar a região para ver de perto o que está sendo feito. "Temos, sim, que nos preparar para o futuro, mas sem cometer os mesmos erros do Proálcool", afirmou Jorge.

Apreocupação do setor também é que o governo participe da articulação, ajude na coordenação, ofereça suporte político, mas não avance para os subsídios, principal motivo do fracasso do proálcool. Rubens Ometto Silveira Mello, presidente do Grupo Cosan, disse que até mesmo a construção do álcool, tão requisitado pelos produtores, deve ser de responsabilidade única e exclusiva da iniciativa privada. "Não queremos e não apoiamos que a Petróbras construa o álcool. Quem tem a logística tem o controle do mercado", disse.

Silveira Mello, que viveu de perto todas as fases em que o governo se 'intrometeu' de forma mais na dinâmica no mercado, disse que em nenhuma delas o setor terminou bem. "Todo agribusiness se desenvolve quando surgem as cadeias sem a intervenção de governos", frisou. Ele lembrou que, com o fim do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), por intermédio do qual o governo regulava os estoques e os preços dos produtos, o setor decolou. Por outro lado, o empresário acredita que exist

em várias possibilidades de parcerias com o governo. No que diz respeito à produção de energia, enfatizou que estão sendo estudadas formas do setor suprir o período de escassez de energia elétrica, previsto para o final da década, com a co-geração de energia a partir do bagaço de cana. "Precisamos de um preço mínimo nos leilões do governo que garanta taxa de retorno razoável. Mas ainda não se chegou a um acordo" concluiu.

O secretário da Indústria e Comércio, Luciano Almeida, disse que enquanto o biocombustível é a bola da vez, os preços tanto do álcool como do açúcar despencam no mercado. Mesmo diante de tamanha contradição, ele acredita que o disparate é momentâneo e que o país vive um momento exclusivo. "É a primeira vez na história em que o Brasil pode ser orgulhar de estar na vanguarda", acrescenta. Deixou claro também que o ministro pode ser um grande divulgador e parceiro para alavancar o parque tecnológico. "O senhor é o nosso conselheiro superior e tem tudo para nos ajudar", enfatizou.